

apesar de tudo...

apresenta o projecto *família* (2004-2006) de Susana Chiocca

A Família, de António Preto

Aqueles que beberam a água das fontes mais puras ao transcender a forma humana têm de renunciar a ela [...]; os animais são seres que renunciaram por pudor à sua condição de humanos, como um homem de fina educação que entra numa taberna e se abstém, também por pudor, de limpar o copo sujo que leva à boca.

Maria Filomena Molder / Walter Benjamin

Ao examinar os sistemas tribais do que a etnologia designa por homem primitivo contemporâneo (pretensamente representativo de um estado edénico que a história decreta pré-histórico), Claude Levy-Strauss verificou que a família é o modelo genético que estrutura todas as sociedades humanas. Organizando-se entre a ordem do biológico (diferença sexual) e a do simbólico (proibição do incesto e outros interditos), a família – chamemos-lhe grupo totémico – seria pois a instância, o domínio particular de factores e de funções, a partir da qual decorreria o processo civilizacional, isto é, a gestão das modalidades de dominação e do poder, a definição das instituições religiosas, político-sociais e, em primeiro lugar, a instauração do tabu. Animal (comestível, inofensivo, perigoso ou temido), planta ou força natural que mantém uma relação particular com o grupo, o totem é o antepassado comum, o espírito protector que intercede, a partir da sua origem difusa e da sua transmissão hereditária, em favor da comunidade de sangue que sustenta e subjuga como Deus, Pai Todo-Poderoso, tirano e senhor de um reino que não terá fim, criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis: do dia e da noite, do firmamento que separa as águas, das árvores de fruto e respectivas sementes de diferentes espécies, dos monstros marinhos, das aves e também do homem e do *logos*. A submissão ao totem constitui assim a base de todas as obrigações sociais. O tabu, por seu turno, persistindo nas sociedades modernas de um modo negativo e apoiando-se em objectos de natureza diferente, é, do ponto de vista psicológico, concebido por Freud como algo que não difere do *Imperativo Categórico* kantiano, a não ser pelo facto de a sua acção se exercer pelo constrangimento e pela obliteração de toda a motivação consciente. Por isso, se a família se institui no totemismo, ao mesmo tempo que o determina, e se nessa fundação se abre o espaço de imposição do tabu, o assassinato do pai – realizado ou fantasiado – é um acto necessário que instaura a civilização, separando o homem do Paraíso e introduzindo-o na cultura. O assassinato do pai será pois, paradoxalmente, a morte da História, a oposição ao desdobramento meta-histórico das significações ideais, à teologia e à procura da origem – esse *templum* anterior à culpa, anterior ao corpo, anterior ao mundo (*Ursprung* nietzschiana, *Ursprache* filológica, *Urpflanze* e *Urphänomen* goethianos) – que o sacrifício trágico, desproporcional à vontade individual, simultaneamente inaugura e expia, anulando um antigo direito dos deuses e anunciando a vida de uma comunidade ainda não nascida: a morte converte-se em salvação. Como refere Foucault, a história aprende a rir das solenidades da origem.

É pois urgente matar todas as famílias, todos os pais, a começar pelo Estado, para que Hamlet possa ser rei! A liberdade, invenção burguesa das classes dirigentes, coextensiva à melancolia, à acédia, mas também à inquietude e à angústia heideggeriana como *Stimmung* do pensamento, é afinal o estado de alforria que autoriza a invenção do homem e do sujeito, a irrupção do narcisismo absoluto que visa o repouso mimético da morte, que busca o não-desejo do outro, da existência e do não-ser como formas de acesso à imortalidade, mas é também, e ao mesmo tempo, a força disruptiva do masoquismo primário, tendência de retorno a um estado anterior, inorgânico, desintegrado e fragmentário que determina a perda do objecto de desejo e a modificação das cadeias significantes, expressão que é de uma pulsão de morte. Mas mesmo este *ser-para-a-morte*, experiência de irradiação do instante (*Jetztzeit*) e forma aparentemente suprema da liberdade (porque não se representa no inconsciente), emerge ainda húmido dos ecos do passado, ensanguentado pela identificação primária com o *pai da pré-história pessoal*, triunfo simbólico baseado no traço de união que permite fazer o luto da coisa que se mata sem se mortificar, da coisa que não morre por ainda não ter nascido cadáver, da coisa que falta (desposseção fálica). E é esta identificação fálico-simbólica (*Entstehung*, princípio e lei singular de uma

aparição e de um afrontamento) que assegura a entrada do sujeito, guardião da palavra herdada, no universo dos signos e da criação: a pulsão de morte converte-se em agressividade erotizada contra o pai e em abominação aterrorizada contra o corpo da mãe.

O *reino das mães* para onde o Doutor Fausto arrasta Mefistófeles (em grego, Μειφιστοφελής, “o que não ama a luz”) em busca das imagens de Helena e de Páris – esse mundo de galerias tenebrosas, onde impera a escuridão e o silêncio total, onde não há como saber em que chão irá pousar o pé que avança para um passo – é pois o lugar onde habitam todos os arquétipos em estado potencial, o espaço do princípio geral da identificação (da formação, da transformação, da acção eterna), mas também da descontinuidade e das penetrações do paganismo (das Mães que, como refere Plutarco, têm na Antiguidade estatuto de divindade: o fantasma da imortalidade feminina no mundo cristianizado (subordinado ao Pai imperecível e imoral que assiste à morte do filho, casto, impotente e estéril). Ainda hoje em muitas grutas estreitas habitam mouras encantadas que se oferecem à imaginação dos pastores, prontas, como Fátima, a sair da mais profunda morada da terra para, em cima das árvores, se insinuarem ao filho, dispostas que estão a acolhê-lo novamente no seio (“*O Caminho? Nenhum! Não é trilhado, nem de trilhar será! Senda que leva até ao inexorador e inexorável! Estás prestes? – Nem chaves, nem ferrolhos encontras, impellido por desertos serás. Ideia tens do que é deserto, do que é solidão?*”, Fausto).

A genealogia não tem no entanto, por propósito, como observa Foucault, recuar no tempo para restabelecer uma grande continuidade, para lá da dispersão do esquecimento: o seu objectivo não é mostrar que o passado se manifesta e vive ainda no presente, animando-o secretamente como destino. O objecto próprio da genealogia será antes a definição da proveniência (*Herkunft*), da cepa, a reportagem de todos os acidentes, de todas as marcas subtis, singulares, sub-individuais, que se podem entrecruzar no indivíduo, formando uma rede complexa de marcas diferenciais. Seguir o rasto da proveniência determina assim que se preserve o passado na dispersão que lhe é própria.

Mas Édipo – que deve o seu nome aos pés inchados – é coxo e pertence à linhagem dos Labdácidas, a “família dos mancos”. Ao destruir a Esfinge, o mesmo Édipo, mostra-se profundo conhecedor das três idades do homem e das formas de locomoção que com elas se relacionam – na sua passagem de quadrúpede a bípede, e do bipedismo à claudicação da velhice apoiada na bengala (e no engenho que permite a fabricação de utensílios). Sendo igualmente coxo, Vulcano é atirado por Hera – sua mãe desgostosa com a constituição rígida de um dos seus joelhos – do Monte Olimpo para a ilha de Lemnos, onde viria a ser criado por macacos. Ferreiro de Júpiter, este deus defeituoso é autor de toda a espécie de artifícios, mas é também o fundador da civilização humana, uma vez que o seu ofício – manter vivo o fogo – terá levado à formação das primeiras comunidades sociais e à invenção da linguagem. Também Lúcifer – em hebraico, ללילה בן שחר (*heilel ben-shachar*), “Vénus, o luminoso filho da manhã” – se vê, pela sua orgulhosa formosura, resplendor e sabedoria corrupta, caído em desgraça e, como tal, condenado à morte dos incircuncisos, atirado do céu a uma morte violenta no coração dos mares – “*Por isso, Eu precipitei-te da montanha de Deus, e fiz-te perecer, ó querubim protector, no meio das pedras de fogo. [...] Lancei-te por terra e entreguei-te em espectáculo aos reis. [...] Por isso fiz sair de ti o fogo para te devorar*”, (Ezequiel 28,16-17); “*Como caíste dos céus, estrela da manhã, filho da aurora? Como foste abatido por terra, ó dominador das nações?*” (Isaías 14, 12-13) – queda que não o terá morto, porém, mas deixado manco e condenado à doença do Minotauro. E é finalmente com a vinda de Cristo que, como conclui Isaías (35, 5-6), “*se abrirão os olhos do cego, os ouvidos do surdo ficarão a ouvir, o coxo saltará como um veado, e a língua do mudo dará gritos de alegria*”, curado que fica o homem de toda a deformidade, isento de imitar a natureza, entregue ao desejo da paz, à aceitação tácita da lei ou à castidade que, longe de serem indícios de uma verdadeira conversão moral, são os sinais da maior das perversões: *robustecei os joelhos vacilantes!* Asas cortadas aos pés de Hermes, pé gordo em sapato de cristal, são estes sinais a silhueta do fantasma careteiro que ameaça o humano (e a sua família) de recuar à condição de besta de quatro patas e escassa sombra.

É por isso que quando a família Newtom – uma típica família americana, que vive numa pacata cidade onde *todos se conhecem* e partilham uma *desmotivante rotina*, retratada por Hitchcock em *Shadow of a Doubt* – recebe a visita do tio Charlie (o estrangeiro na família), se vê confrontada com uma terrível nuvem de fumo que atravessa os séculos para ensombrar as boas consciências, trazendo com ela a ordem e a justiça. Charlie é, ao mesmo tempo, um moralista e um asceta: assassina e rouba mulheres viúvas (gordas e preguiçosas) que, apesar de ricas, são estereis, como, mais tarde, investe esse capital acumulado na sedução da sobrinha perversamente inocente que não consegue mais vestir uma puberdade prolongada em respeito ao pai. *Aquele que persegue a caça arrisca-se a transformar-se nela, a esquecer os enleios do sangue*. Este é o seu calcanhar de Aquiles, e nunca a paraplegia mais completa pôde evitar o despertar do trágico. Porque a família é isso: o sítio de onde o sangue fala em paralipse, em nome dos que hão-de vir.